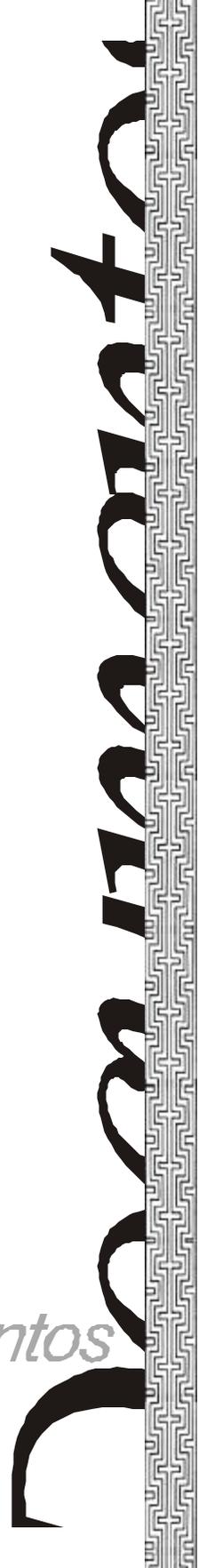


Documentos



O problema fundiário em Mato Grosso do Sul: o caso Sucuri'Y

Rosa Sebastiana Colman

Os Kaiowá e Guarani do sul de Mato Grosso do sul vivem, atualmente, um momento de grandes impasses como o aumento da violência interna, problemas ambientais, dificuldades na produção de alimentos, desnutrição, novas doenças. Esses problemas estão ligados com o problema de terra, devido ao problema histórico de confinamento em pequenas áreas. A partir de 1980, os Kaiowá e Guarani retomaram grande parcela de suas terras, mas que ainda são insuficientes. A realidade mostra, porém que apenas a demarcação em si também não traz resultados efetivos e que isto devem vir acompanhadas de outras ações como uma política séria de recuperação ambiental e produção de alimentos.

A carta a seguir ilustra a realidade de luta pela terra pela qual os Kaiowá e Guarani do sul de Mato Grosso do Sul tem passado. A carta redigida e assinada por membros da Terra Indígena de Sukuri'y é datada de 08 de maio de 1997. Depois de 10 anos desta carta ao Juiz, a situação, que já tinha um longo passado de lutas e sofrimentos, ainda não foi solucionada. A comunidade permanece ocupando uma pequena parte, 67 hectares, da sua área de 500 hectares que já foi homologada e registrada. Mas o total da Terra Indígena reivindicada é de 5.000 hectares.

Alguns aspectos que podem ser observados na carta são comuns nos outros processos de retomadas de Terras Indígenas que estão ocorrendo desde o final da década de 1970.

Inicialmente, a carta relata algo que indica o motivo porque estão lutando por aquela Terra e não outra qualquer: ali seus pais, avós, enfim antepassados nasceram, moraram e morreram. Muitos deles, inclusive nasceram ali, foram criados dali e de lá certamente foram expulsos. Em seguida, os moradores descrevem todo o sofrimento, os despejos, as casas queimadas, as roças destruídas e toda a violência sofrida, como saques e agressões físicas.

Mestre em Desenvolvimento Local pela Universidade Católica Dom Bosco. Atualmente desenvolve atividades no Curso "Agroecologia em Terras Indígenas", vinculado ao NEPPI/UCDB.
rosacolman01@yahoo.com.br

Outro aspecto que chama a atenção, em meio a idas e voltas, são os vários despejos pelas quais passaram. Em alguns momentos são obrigados a morarem na cidade e afirmam que lugar de índio não é na cidade, porque lá não tem lugar para roças, para produzir e alimentar os filhos, que não sabem morar na cidade.

Registram ainda as arbitrariedades de que são vítimas, levados para outras aldeias, para a margem das estradas ou para as cidades.

A carta é encerrada com um apelo ao juiz, para que este tome algumas resoluções para o impasse e que eles não vão mais sair de suas terras e que preferem a morte.

O significado de território para os Kaiowá e Guarani segue uma outra lógica que não é a mesma concepção dos não índios. E é a partir desta lógica de território que os Guarani e Kaiowá reivindicam seus territórios. Como aparece na carta é muito forte o aspecto da roça. Deve ter um espaço para a roça, a terra tem que ser de boa qualidade que possibilite a produção. E a produção é para o consumo, para enriquecer a alimentação, e os produtos são diversificados. Numa roça kaiowá e guarani não se concebe a monocultura como da soja ou da cana.

Ainda hoje os Kaiowá e Guarani de Mato Grosso do Sul continuam realizando tentativas de ocupação de suas áreas como uma forma de pressionar as instituições governamentais para a solução dos problemas em torno das terras indígenas. Nos casos recentes de Sombreiro, no Município de Sete Quedas e Kurusu Amba, no Município de Amambaí, as cenas de violência continuam se repetindo, inclusive com registro de mortes. O apelo dos Kaiowá e Guarani por terra, dignidade e respeito continua no sentido de sensibilizar a todos para compreenderem e apoiarem as suas lutas.

A. I. Salsari-y 08-85-88

Intrusivismo San Juis

Nós mineiros desta terra indígena
 Suécia y vamos le contar o quanto nós já
 sofremos porque nós não é foi sempre
 moramos aqui, nós da. Criamos aqui. No ano
 de 1952 os jaguelinos desaparam nós daqui
 e onde estão hoje, levando a parte munda
 para outro lado da estrada. No ano de 1964
 outra vez o fazendeiro desaparam nós obrigam
 nós a ir para a cidade na ilha Adriaan.
 Como o mesmo mesmo sobre nós, indio
 nunca mora na cidade, porque na cidade
 não tem lugar para nossa malinha para
 colher nosso produto para alimentar nosso
 filho. Nós indio não sabe viver fora da
 nossa terra. Por isso no ano 1966 nós
 voltamos para o lugar que sempre morou
 nosso avô. Nosso pai que é aqui
 onde nós estamos morando hoje. Em Juis
 nesse mesmo ano mais uma vez nós
 fomos desaparam pelo jaguelino. Vieram
 aqui os fazendeiro armado e ameaçaram
 nós e tiraram gasolina e queimaram nossa
 casa. Resto da Maria Saiz Lavagem
 e 2 Comunhão Laganka da Prefeitura

2

Da Maracaju e ficaram nós aqui na
maracaju no Caminho e bebemos nos para
reserva Indígena de Dourados. Os índios
não aceitaram nós, porque nós não
era de lá eles pediram e sequestraram
lá. E foram nós terra que foi da lá
porque lá não a nossa terra. Nesse dia
pra lá nós fomos jogado de sumo Aldeia
para outra sem terra e sem coisa. Nós fomos
muito judiado porque sempre nessa família
que volta aqui para nossa terra. Em 1934
esta nossa terra foi delimitada, no ano de
1936 nossa terra foi delimitada e nós
voltamos pra cá para nossa terra. No dia 23
de Dezembro de 1936 mais uma vez juntaram
constante jogaram tudo novamente. Nós fomos
muito judiado e fomos e fomos e fomos
muito para fora da nossa terra. Depois nós
fomos limpar do juiz federal de Campo Grande
nós voltamos pra cá para nossa terra.
Se juiz, nós já fomos muito judiado pelo
juiz e agora nós recebemos fica
aqui na nossa terra. Nós estamos cansado
de ser desapoiado, agora nós não vamos
sair mais daqui. Falaram para nós que
nós vai se despojado daqui. Se juiz
se 1930 recebeu e se o juiz e o
polícia vivo tira nós, nós agora vamos
muito para lá e agora nós vamos mostrar tudo e
vamos mostrar tudo aqui da nossa
terra de que viver

Sobretudo por ai. Se Tuís más só queremos
 uma produção da terra que toda massa.
 Para fazer nossa maior melhor massa.
 Milhões de crianças massa filha. Mas uma
 vez não olhamos o Sr Tuís que nós não
 vamos sair, nem que tanto que tudo mais é
 a culpa vai ser de quem manda
 Tuís. Nós daqui.

Assina Todas as pessoas de Aldeia
 Suexim-y

Adelino - Almeida

Alcides - Aguiar

Alma da Silva

Almeida - Trivilio

Edmilso Almeida

Georgina Trivilio

Jucimera Trivilio

Lucas Trivilio

Syrcian - Brito

do Rosal Melo

Sebastião Vera
alondrada

Rosana Aguiar

Florencia Aguiar

Vagner Turiba

Katia Turiba

Apurva Turiba

Valdinei Turiba

Orlando Branco

Traci da Fátima

Caetano Turiba

Almeida - Brito

Edson Brito

Lucia Barros

CPD - Tarcisio Fernandes - ~~at~~ Tarcisio Fernandes

Cezarina Turibio
Lucineia Turibio
Evaniara Turibio



Marciano Aquino



Marcio Mendes

Sepriano Brito

Carinal Neto



Sebastião Vasa

Alfonso de



Rosário Aquino



Florencia Aquino

Vamos Turibio
Kátia Turibio
Arianas Turibio
Waldemar Turibio
Orlando Aquino



Luís de Kleina



Caetano Turibio

Luiz de Brito



Edson Elvira

Luís Barbosa

Cap

Carinal

Manoel de ~~Carinal~~

Tim Jaqueira

Roberto

Vasa

Epis Vasa

Patricia Vasa

Roberto	Vitor
Luiza	Luiza
Patricia	Vitor
Isabel	Luiza
Rafael	Luiza

Maiores Turulas
 Gallo Tinda
 Pasi, mais soli
 W. mil TO K. e. n. e.
 Remunulo g. e. n. e.
 Celso varapes
 Gallo turula
 Luciana de. m. G. n. e.
 Kauza Ben. t. u. z.
 Milcomi N. e. g. u. e.

Fonte: ADRIANA DA SILVA, M. O movimento dos Guarani e Kaiowá de reocupação e recuperação de seus territórios em Mato Grosso do Sul e a participação do CIMI (Conselho Indigenista Missionário) - 1978-2001. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Mestrado em História UFMS/UFGD, Dourados, 2005.

Recebido em 18 de junho de 2007.
 Aprovado para publicação em 28 de junho de 2007.